

ENCONTRO, DEVIR E LINGUAGEM: UMA CONVERSA ENTRE GÊNEROS ARTÍSTICOS E PERSONAGENS EM MOVIMENTO

HELENA FERREIRA KUHN¹; CECÍLIA OLIVEIRA BOANOVA²

¹*Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul/PPGEdu)* – helenaferreirakuhn@gmail.com

²*Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul/PPGEdu)* – ceciliaboanova@ifsul.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de um encontro. Um encontro inesperado, arrastado e bom. E encontros bons deixam marcas. Entre o que se passou e o que recolhemos, ficamos com um rastro de atualização entre dois gêneros artísticos: a literatura e o cinema. Os dois gêneros criam seus planos de composição. Os resultados acontecem como planos de expressão que passam a gerar novas sensações e pensamentos.

A arte, que oferece um espaço abstrato, é capaz de criar singularidades que desfazem com o dito padrão, abrindo um novo espaço para a intensificação de forças, possibilitando novas percepções. Através das concepções de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) e seus estudos acerca da Filosofia da Diferença, criamos um movimento de deslocamento, visando um encontro, entre uma personagem do mundo literário e outra do mundo cinematográfico.

As obras que guiam esse trabalho são: *Um sopro de vida* (1978), livro de Clarice Lispector; e *Terra Estrangeira* (1995), filme dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas. Pela narrativa de Clarice, contamos com a personagem Ângela Pralini, uma criação dentro da história e uma figura complexa, enigmática e simbólica. Já pelo filme de Walter e Daniela, conhecemos a Alex, interpretada por Fernanda Torres, uma jovem que ao migrar para Portugal tem seus traços emocionais, sentimentais e sociais abalados. Alex nos oferece, com vulnerabilidade e resistência, uma reaproximação com a esperança e o afeto.

A ideia principal deste trabalho é capturar trechos que demonstram esse movimento de deslocamento, esse possível encontro entre as personagens, seguindo um percurso de *intermezzo*. O contexto de *intermezzo* envolve a ideia de “inter-ser”, que captura o que está no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Do mesmo modo, abrange o termo “entre-dois”. “É nesse entre-dois que o caos torna-se ritmo, não necessariamente, mas tem uma chance de tornar-se ritmo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.103).

Nesse contexto, há a possibilidade de explorar um campo de potencialidades que ainda não foram organizadas. Traçar um plano onde seja possível criar sentido, através das experiências.

2. METODOLOGIA

Ao partir de um percurso de *intermezzo*, recolhemos trechos e falas das personagens que permitem uma (quase) conversa entre elas. Sentir o que acontece no interior de cada uma, mas também perceber o que se passa entre elas, entender como elas conversam e, principalmente, o que isso nos desperta.

O desenvolvimento desse trabalho não visa comparar ou analisar as personagens, mas sim possibilitar uma nova maneira de pensa-las, “[...] a questão

não é nunca reproduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo significar [...]. A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.27). Ou seja, *intermezzo* como um espaço ativo que motiva um campo de intensidades.

A escrita da pesquisa acontece entre os trechos dados pelas personagens, espaço que promove questionamentos, sensibilidades, percepções e incentiva a criatividade. Toda a matéria pode ser expressiva, mas para além disso, toda matéria pode ser sentida. “A sensação não se realiza no material, sem que o material entre inteiramente na sensação, no percepto ou no afecto” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.197).

O caminho a ser percorrido é escapar de um não encantamento dos acontecimentos, estimulado pelo fato de estarmos presos a ideias já concretas e estruturas opressivas, e buscar uma tensão, uma intensidade que nos atravesse (corpo e pensamento) e nos leve a operar uma nova linguagem, uma nova face para acompanhar as forças e os afetos a fim de alcançar a nossa subjetividade. É a composição do criador e criativo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este movimento de escrita ainda está em andamento. Por esse motivo, não temos um resultado concreto para apresentar.

No entanto, mesmo com o trabalho em desenvolvimento, afirmamos que o movimento de deslocamento proposto, de fato acontece. Um movimento que permite contínuas transformações e criações, proporcionado pela arte e que acontece de dentro para fora.

A experiência do deslocamento nos chega, às vezes, pelo não dito. A sentirmos primeiro no corpo, por uma produção de intensidades que somente depois alcança algum entendimento e sentido, mas que sempre são, estes últimos, provisórios – já que são processos em constante variação.

4. CONCLUSÕES

Por ora, trabalhamos para transmitir que (bons) encontros têm a habilidade de expandir a capacidade de criação, dando espaço para o novo. Os encontros, que podem ser dados por tudo que nos afeta: uma pessoa, uma ideia, um som, uma palavra entre tantas outras possibilidades, nos tira do óbvio, do mesmo, da repetição.

Esses encontros, que forçam o pensamento, nos tiram de representações prontas e nos impulsionam para um novo sentido. Dessa forma, pensar se assemelha a criar. Pensamos pelo o que escapa dos esquemas já estabelecidos, ou seja, criamos com o que sobra. E o encontro também é criador, não apenas naquilo que gera, bem como naquilo que revela: novos afetos, sentidos e pensamentos.

Neste instante, a finalidade dessa pesquisa é encorajar a experimentação, seja com novas matérias ou com matérias que já passaram. O acontecimento de um encontro nunca será o mesmo.

Um momento de experimentação, um acontecimento que nos afeta, uma transformação e o nascer de um pensamento, é um processo único de criar o novo e dar um novo significado (fazer funcionar) para algo nosso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** v.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** v.4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prada Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: editora Rocco, 2020.

TERRA ESTRANGEIRA. Direção: Daniela Thomas; Walter Salles. São Paulo: VideoFilmes, 1995. Filme. (100 min.).